

Autora bestseller de *A Última Livraria de Londres*

MADÉLINE MARTIN

*Uma*

ESPIA  
AMERICANA

*em*

LISBOA

TOP  
SEL  
LER



«O ambiente de Lyon e Lisboa durante a guerra irá maravilhar os fãs da espionagem decorrida durante a Segunda Guerra Mundial.»

*Booklist*

*Para o John — obrigada por me ajudares a ultrapassar  
um ano conturbado com o teu apoio e amor infindável,  
e por viveres parte da minha pesquisa na viagem  
a Lisboa que ficará comigo para sempre.*

UM

*Ava*



***Abril, 1943***  
***Washington, DC***

**N**ão havia nada de que Ava Harper gostasse mais do que o cheiro dos livros antigos. O aroma bafiento do papel envelhecido e da tinta esmaecida conduziavam-na a uma viagem através de salas iluminadas por velas em mansões no meio de colinas verdejantes ou antigos castelos com torreões que se erguem alto, aos céus desconhecidos. Esses livros haviam estado um dia nas mãos de antepassados, tinham sido analisados por acadêmicos, lidos vorazmente por estudantes com um apetite insaciável por aprender. Nessas páginas fragrantes e amarelecidas havia histórias do passado e conhecimento perene.

Fora sem dúvida uma sorte terem-lhe oferecido um emprego na Sala de Livros Raros da Biblioteca do Congresso, onde o arcaico perfume da História viveria para sempre.

Ela caminhou a passos largos por entre três arcos em direção às arrumadas filas de mesas paralelas e juntou cuidadosamente uma pilha de livros raros nos seus braços. Tinham tamanhos e pesos distintos, as suas capas estavam gastas e as páginas já irregulares nos bordos e, no entanto, a pilha parecia ajustar-se como um puzzle perfeito. Independentemente do leitor que os deixara ali ter pedido muito mais do que o necessário para uma tarde de pesquisa.

*Tinham mais olhos que barriga.* Era o que Daniel, o seu irmão, havia dito uma vez, quando estava em casa de licença, depois de Ava se queixar desse pecado comum — que ela própria já tinha cometido.

Desde então, a frase passava-lhe pela cabeça a cada encontro com uma pilha de livros abandonados. Não que fosse culpa do leitor. Os grandes filósofos de antigamente não seriam capazes de processar tanta informação numa tarde. Mas mesmo assim ela gostava da expressão e de como isso a fazia sempre lembrar o olhar risonho de Daniel ao dizê-la.

Ambos herdaram os olhos verde-musgo da mãe, embora Ava nunca tivesse alcançado a mesma centelha de alegria tão característica do seu irmão mais velho.

Um olhar de relance para o seu relógio confirmou que era quase meio-dia. Apertou-se-lhe um nó no estômago ao lembrar-se da breve conversa, um pouco antes, com o Sr. MacLeish. Uma reunião com o Bibliotecário do Congresso não era uma ocasião comum, especialmente quando seguida de um endereço rabiscado num pedaço de papel e a promessa de uma nova oportunidade que lhe agradaria.

Ava duvidava que o que lhe fossem propor fosse melhor para ela do que o seu trabalho na Sala de Livros Raros. Ela vinha a absorver lições daqueles textos antigos, que esmiuçava por capricho para ajudar os leitores a desenterrarem as informações que procuravam. O que poderia seduzi-la mais do que isso?

Ava aproximou-se da última mesa à direita e fechou gentilmente o *La Maison Reglée*, com a capa de couro puído e suave como manteiga entre os seus dedos. Este livro do século XVII era um dos muitos textos de gastronomia doados na coleção Katherine Golden Bitting. Katherine havia sido uma mulher incrível que dera uso a todos os seus conhecimentos no desempenho dos cargos no Departamento de Agricultura e na Associação de Produtores de Conservas Americanas.

Todos os livros tinham a sua história e Ava era a sua guardiã. Deixar o seu posto seria como abandonar os seus filhos.

Robert flutuava na sua nuvem de pretensão e vigiava a sala com um olhar crítico. Ela apagou a luz que o leitor tinha deixado acesa, com receio de ser sujeita ao esgar sardónico do seu colega.

Ele estendeu a mão para o *La Maison Reglée*, com um olhar de irritação a faiscar no seu rosto.

— Eu guardo-o. — Ava abraçou-o contra o peito. Afinal, o colega nem lia francês. Ele não poderia apreciá-lo como ela.

Devolveu o tomo ao seu conjunto — a família reunida mais uma vez — e retirou-se da opulenta biblioteca. O ar fresco da primavera de Washington envolveu-a enquanto tomava o elétrico em direção à morada anotada pelo próprio punho do Bibliotecário do Congresso.

Ava chegou ao número 2430 da E Street, NW, dez minutos antes do seu compromisso, o que se revelou vantajoso tendo em conta os obstáculos que teve de transpor para conseguir entrar. Um homem severo, cuja expressão não se alterou durante a conversa, confrontou-a a partir de uma guarita junto à entrada. Pelos vistos, ele não sabia mais sobre a reunião do que ela.

Quando, por fim, lhe deram autorização, seguiu por uma passagem em direção a um grande edifício com uma colunata branca.

Ava bloqueou a sua imaginação hiperativa para que esta não levasse a melhor — o que muitas vezes sucedia — e forçou-se a seguir em frente. Depois de ser conduzida por um *hall* amplo e a seguir ao longo de um corredor, foi deixada num gabinete onde havia apenas uma secretária e duas cadeiras com espaldar em madeira, e pediram-lhe que se sentasse. Comparativamente, as cadeiras da Sala de Livros Raros pareciam confortáveis. Tratava-se, sem dúvida, de um lugar reservado a entrevistas.

Mas para quê?

Ava olhou para o relógio. A pessoa com quem deveria encontrar-se estava dez minutos atrasada. Ressoou nela uma pontinha de arrependimento por ter deixado o seu livro em casa, em cima da cómoda. Começara há pouco tempo a ler *Rebecca*, de Daphne du Maurier, e sentira-se imediatamente atraída pela emoção de uma jovem mulher arrastada para um romance inesperado. O marcador de páginas de Ava tinha ficado tentadoramente na chegada do par recém-casado a Manderley, a propriedade na Cornualha.

A porta do gabinete abriu-se e entrou um homem vestido num *Victory Suit*<sup>1</sup> cinzento — de abotoamento simples, com lapelas estreitas e sem punhos ou abas de bolso — fabricado com a menor quantidade possível de tecido. Sentou-se à secretária.

— Chamo-me Charles Edmunds, sou secretário do General William Donovan. É a Ava Harper?

Dos três nomes, só reconheceu o seu.

— Sou.

Ele abriu uma pasta, vasculhou uns quantos papéis e entregou-lhe um conjunto.

— Assine-os.

— De que se trata? — Ela folheou as páginas e só encontrou jargão legal.

— Acordos de confidencialidade.

— Não assinarei nada que não tenha lido na totalidade. — Dito isto, Ava ergueu o conjunto de folhas.

O texto era mais árido do que o conteúdo de alguns dos livros raros mais aborrecidos da Biblioteca do Congresso. Ainda assim, examinou cada palavra enquanto o Sr. Edmunds a fitava irritado, como se pudesse com o seu olhar obrigá-la a assinar. Não podia, claro. Ela esperou dez minutos pela sua chegada; ele podia esperar enquanto ela percebia no que se estava a meter.

Tudo apontava para a proibição de partilhar o assunto a ser discutido ali acerca de uma potencial oportunidade de trabalho. Não era nada de muito ameaçador, pelo que Ava decidiu assinar, para grande impaciência do Sr. Edmunds.

— Fala alemão e francês.

Ele observou-a através de uns óculos com aros negros, sondando-a com os seus olhos castanhos.

---

<sup>1</sup> Conjunto de duas peças muito popular na segunda metade da década de 1940. Nos Estados Unidos, era patrioticamente designado por *Victory Suit* (à letra, «Fato da Vitória»). [N. T.]

— O meu pai era uma espécie de linguista. Tive de aprender. — Uma dor visceral apunhalou-a no peito quando uma memória antiga veio à tona — o seu pai a falar alemão, entusiasmado pela viagem com a mãe para celebrarem os 20 anos de casados. *Aquela* viagem. Aquela da qual os pais nunca regressariam.

— E trabalhou a fotografar microfilmes. — O Sr. Edmunds ergueu as sobrancelhas.

Num esgar de incerteza ela franziu os lábios. Quando começou a trabalhar na Biblioteca do Congresso, as suas tarefas consistiam essencialmente em arquivo e não tanto no típico papel de bibliotecária, daí ter microfilmado uma série de jornais antigos que o tempo estava a desgastar lentamente.

— Sim, trabalhei.

— O seu governo precisa de si — afirmou ele num tom que não admitia contra-argumentação. — Está convidada a juntar-se ao Office of Strategic Services, o OSS<sup>2</sup>, ao abrigo do programa de recolha de informações chamado Interdepartmental Committee for the Acquisition of Foreign Publications<sup>3</sup>.

A mente dela acelerou para encontrar sentido no que ele tinha acabado de dizer, mas os lábios abriram-se para pronunciar a sua opinião irrefletida.

— Isso é que foi falar!

— IDC, para abreviar — respondeu ele sem hesitação nem humor. — É uma operação secreta que visa obter informação de jornais e textos em territórios neutros para nos ajudar a recolher dados sobre os nazis.

— Eu precisaria de formação? — perguntou ela, incerta de como a sua valência linguística, falar alemão, a qualificava para os espiar.

— Tem toda a experiência de que precisa, pelo que sei. — Ele começou a reorganizar a pasta à sua frente. — Iria para Lisboa.

---

<sup>2</sup> Em português, algo como Gabinete de Serviços Estratégicos. [N. T.]

<sup>3</sup> Em português, algo como Comité Interdepartamental para a Aquisição de Publicações Estrangeiras. [N. T.]

— Em Portugal?

Ele fez uma pausa.

— É a única Lisboa de que tenho conhecimento, sim.

Sem dúvida, teria de ir de avião. Um arrepio ameaçou descer pelas suas costas, mas ela conteve-o.

— Porque é que estou a ser recomendada para isto?

— Pela sua facilidade em falar francês e alemão. — O Sr. Edmunds ergueu o dedo indicador. — Sabe usar microfilme. — Esticou outro dedo. — O Fred Kilgour referiu o seu intelecto aguçado. — E lá esticou mais um dedo.

Esse era um nome que Ava reconhecia.

Ela ajudara Fred no ano anterior, quando ele microfilmara publicações estrangeiras para a Biblioteca da Universidade de Harvard. Depois dos meses que ela passara a fazer o mesmo para a Biblioteca do Congresso, o processo foi fácil de ensinar e ele aprendeu depressa.

— E é bonita. — O Sr. Edmunds recostou-se na cadeira, o argumento final estava apresentado.

O elogio era, no mínimo, tão injustificável num cenário daqueles quanto indesejável.

— O que tem a minha aparência que ver com tudo isto?

Ele levantou um ombro.

— Beldades como a menina podem conseguir o que querem, quando querem. Exceto quando faz um esgar desses. — E acenou com o queixo para cima. — Devia sorrir mais, boneca.

Aquilo era demais.

— Eu não me formei como a melhor da minha turma na Pratt e obtive uma posição muito requisitada na Biblioteca do Congresso para me chamarem «boneca». — Dito isto, levantou-se.

— E tem uma coluna de aço, menina Harper. — O Sr. Edmunds ergueu um último dedo. Ela abriu a boca para responder, mas ele continuou: — Precisamos da informação para saber melhor como combater os *Krauts*. Quanto mais cedo obtivermos esses detalhes, mais cedo esta guerra terminará.



Permaneceu onde estava para ouvir um pouco mais. Ele não tinha dúvidas de que ela o faria.

— A menina tem um irmão — continuou ele. — Daniel Harper, sargento da Companhia C do Segundo Batalhão, 506.º Regimento de Infantaria Paraquedista, na 101.ª Divisão Aerotransportada.

*A Divisão Aerotransportada.* O irmão tinha decidido enfrentar o medo de aviões, apesar de ela os amaldiçoar.

— Está correto — disse ela com firmeza. Daniel nunca estaria no Exército se não fosse por ela. Teria sido engenheiro, tal como sempre desejara.

O Sr. Edmunds tirou os óculos e cruzou o olhar agora sem obstáculos com os dela.

— Não quer que ele volte para casa mais cedo?

Era uma pergunta mal-intencionada, com o propósito de lhe tocar fundo.

E funcionou.

Quanto mais tempo a guerra continuasse, maior o risco de Daniel ser morto ou ferido.

Ela fez tudo o que podia para oferecer ajuda. Quando o racionamento ainda era voluntário ela já o cumpria, muito antes de se tornar lei. Doava sangue com regularidade, assim a deixassem fazê-lo menos espaçadamente. Em vez de ir dançar e beber no Elk Club, como as suas companheiras de casa, Ava passava todo o seu tempo livre no Corpo de Produção da Cruz Vermelha a reparar uniformes, a enrolar gaze e a fazer tudo o que lhe fosse pedido para ajudar os homens no exterior.

Ela até usava batom vermelho, optando pelo caro *Victory Red*, da Elizabeth Arden, o equivalente civil ao *Montezuma Red* das mulheres militares. Lábios de rubi eram um irónico puxão de orelhas à guerra de Hitler contra as mulheres maquilhadas. E ela faria qualquer coisa para puxar as orelhas àquele tirano.

Provavelmente, o Sr. Edmunds estava ciente de tudo isso.

— O trabalho que desempenhará em Lisboa será honesto e poderá ajudar a trazer o seu irmão e todos os nossos rapazes para casa.

— O Sr. Edmunds levantou-se e estendeu a mão, como um vendedor cheio de lábia, pronto a fechar o negócio. — Contamos consigo?

Ava olhou para a mão dele. Os seus dedos eram grossos e fortes, as suas unhas curtas e bem cuidadas.

— Eu teria de ir de avião, suponho.

— Mas não teria de saltar de lá. — Ele piscou-lhe o olho.

O seu maior medo estava a concretizar-se.

Porém, Daniel havia feito muito mais por ela.

Seria uma única viagem de avião para chegar a Lisboa. Uma mísera descolagem e aterragem com imenso tempo no ar entre uma coisa e outra. A planta dos pés ardia-lhe e um remoinho de náusea começava a formar-se na sua barriga.

Aquilo era, de longe, o mínimo que podia fazer para ajudá-lo, assim como a todos os outros elementos do exército dos Estados Unidos. Não apenas os homens, mas também as mulheres, cujos papéis eram muitas vezes igualmente perigosos.

Ela ergueu o queixo, nivelando o seu próprio olhar com o dele.

— Nunca mais me chame «boneca».

— Combinado — respondeu ele.

Ela estendeu a mão e apertou a dele de modo firme, tal como o pai a tinha ensinado.

— Contem comigo.

Ele sorriu.

— Bem-vinda a bordo.

Uma semana depois, um *Buick* negro foi buscar Ava às 8 horas em ponto ao apartamento que partilhava com duas colegas, em Naylor Gardens. As mulheres tinham organizado uma espécie de festa de despedida, apesar de não se conhecerem muito bem, usando a última porção de açúcar para fazer um bolo com rosetas amarelas agrupadas ao centro. Foi um gesto atencioso.

Ela estava aliviada por saber que as outras não ficariam totalmente surpreendidas com a sua partida abrupta. Numa cidade onde

a habitação era escassa, já tinham alguém na fila para ocupar o quarto dela no dia seguinte — outra rapariga que trabalhava para o governo, que usava a típica camisa de colarinho branca.

Deixar a Biblioteca do Congresso tinha sido bem mais difícil. Ava tratara daqueles livros como se fossem uma extensão de si mesma, mimando-os e cuidando-os, garantindo que eram amados e estimados. Acostumara-se à beleza da biblioteca, ao encanto da aprendizagem todos os dias ao seu alcance. Nos três breves anos que lá passou, ela tornou-se uma fonte de informação, pronta para ajudar qualquer pessoa a encontrar o que quer que precisasse.

Ela sempre se orgulhara do quão útil se sentia.

Agora, aventurar-se-ia em território desconhecido, com o seu conhecimento limitado a uma semana de pesquisa frenética. Pelo menos, com o que conseguira saber sobre Lisboa, descobriu a importância de empacotar vários chapéus que, de outra forma, teria facilmente deixado para trás. Em Portugal, ser vista em público sem um chapéu seria como passar por prostituta.

Já que estava em preparativos, usou a última das suas senhas de racionamento número 17 para comprar um novo par de sapatos de salto. Com apenas quatro opções de cores, escolheu o preto em vez do castanho, do castanho-acinzentado ou do verde-militar. Usava agora esses sapatos, combinados com uma simples saia rodada verde e uma blusa de *rayon* branca e verde.

Depois de tudo preparado, restava-lhe a árdua viagem até ao aeroporto. Uma colmeia de abelhas parecia zumbir no estômago vazio de Ava. Naquela manhã estava demasiado nervosa para pensar sequer em comer qualquer coisa.

— Gostaria de passar pelo Mall antes de ir? — O motorista cruzou o seu olhar com o dela no retrovisor. — As flores de cerejeira acabaram de desabrochar e estamos com tempo.

A beleza dessas árvores ficara em causa para a nação após o terrível ataque a Pearl Harbor. Quatro haviam sido derrubadas por vândalos e muitos tinham exigido que o gesto de boa vontade do Japão, quase 30 anos antes, fosse simplesmente destruído.

Na excitação de se preparar para partir rumo ao seu novo papel, Ava não reparara que as cerejeiras haviam florescido. Normalmente, era a altura do ano de que mais gostava em Washington, embora o festival que a acompanhava tivesse sido interrompido devido à poupança para os esforços de guerra.

— Sim, gostaria — respondeu, grata pela atenção dele, e seriam mais alguns minutos de alívio antes do seu temido voo. — Obrigada.

O motorista virou à esquerda e serpenteou pelas ruas, no limite de velocidade de 55 quilómetros por hora: a *Victory Speed*, para economizar combustível. Por fim, avistou o Mall. Não a impressionou como antes, com a sua impecável aparência maculada por filas de unidades habitacionais temporárias e escritórios para funcionárias do governo, e com armas antiaéreas espalhadas em redor dos monumentos.

Mas as cerejeiras estavam carregadas de pétalas cor-de-rosa, tão fortes que rodopiavam e flutuavam dançando sobre as águas da Tidal Basin, como flocos de neve macios. Ava adorava passear pelo caminho entre aquelas árvores, deixando as flores sussurrarem na sua face à medida que caíam graciosamente sob uma brisa invisível.

Era precisamente a distração de que ela precisava para esquecer os seus pensamentos acerca da viagem de avião e a ansiedade por ir aterrar num lugar sobre o qual sabia tão pouco. Na verdade, não tinha a certeza do que seria pior.

Pelo menos, só na pista, e depois de se juntar à fila para embarcar, é que os seus nervos vibraram num zumbido insistente.

Viajar de avião era muito, muito pior.

## DOIS

### *Hélène*



**Abril, 1943**  
**Lyon, França**

**A**s palavras eram poderosas. O olhar de Hélène Bélanger deteve-se no cartaz colado à parede, branca e limpa contrastando com a velha cantaria de pedra; a mensagem, em espessas letras negras.

*À bas les Boches.*

«Abaixo os Alemães».

O cartaz recentemente afixado ainda não havia sido arrancado pelas forças nazis que seis meses antes tinham ocupado a Zona Livre da França. Ela nem deveria estar a olhar para a frase, mas não conseguiu desviar o olhar. Não quando isso fazia o seu coração bater mais forte com a vontade de fazer alguma coisa.

Provavelmente, o cartaz seria arrancado em breve e um novo seria colocado no seu lugar; um sinal de desafio aos opressores.

A Resistência — bravos homens e mulheres que se haviam levantado contra os ocupantes alemães — fazia sentir a sua presença por toda a cidade de Lyon, ousada e sem medo.

Um rasto de ar gelado deslizou pela gola do casaco de Hélène e um calafrio percorreu-a de alto a baixo. O frio da noite nublada de abril mal teria sido sentido em anos anteriores, mas a limitação de comida dentro

da cidade alterara-lhe o corpo, deixando os ossos afiados pronunciar-se no que antes eram curvas macias. Os nazis não sofreram tal privação. Pelo contrário, jantavam fartamente a comida roubada a famílias famintas e consumiam quantidades incontáveis de vinho saqueado das adegas francesas. Tudo para satisfazer o seu prazer voraz.

Hélène afastou-se da parede e caminhou rapidamente pela rue Sala, as solas de madeira dos seus sapatos soando contra as pedras da calçada. As ruas quase vazias e as pesadas nuvens cinzentas não ajudavam à sensação de pavor que lhe apertava o estômago.

O seu cesto das compras trazia apenas alguns tupinambos nodosos, rolando sobre o fundo de vime entrançado. Em tempos, estas plantas de flores amarelas eram alimento para o gado, mas agora os tubérculos dessas ervas daninhas mantinham vivo o povo francês, substituindo gorduras e carnes quase impossíveis de encontrar.

Ela acalentara a esperança de comprar um pouco de pão, mas chegara tarde demais. Todos os produtos do dia anterior tinham sido vendidos, restando os pães frescos na parede ao fundo, mas que só poderiam ser vendidos no dia seguinte. Como ela tinha saudades dos tempos em que podia comprar um pão ainda quente acabado de sair do forno. Mas isso fora antes de as leis de racionamento exigirem aos padeiros que vendessem pão com pelo menos 24 horas. O pão endurecido não só era mais fácil de cortar em fatias precisas, para controlar as porções racionadas, como também impedia que os franceses devorassem a sua comida demasiado depressa. Ou assim disseram os responsáveis.

Não que isso importasse. Pela primeira vez em muitos anos, o estômago vazio de Hélène não lhe doía com a fome. Agora, as suas entranhas contorciam-se e apertavam-se de ansiedade por quem a esperava no pequeno apartamento da rue du Plat.

Ou melhor, por quem *não* a esperava.

Joseph.

Dois dias e uma noite haviam passado desde a discussão entre eles, a pior até ao momento. As palavras eram poderosas, e ela disparara toda a sua exaltação contra o marido, cheia de raiva.

Ele era um homem que lutara e se sacrificara na Grande Guerra, que se tornara pacifista depois do que presenciara na Batalha de Verdun, e cuja mente brilhante para a química lhe chamara a atenção quando ela era uma rapariga prestes a terminar a escola de secretariado.

Agora, mantinha o olhar longe de uma mancha de giz azul-pálido na parede próxima ao seu apartamento. Já havia sido um V — *victoire*, outra marca da oposição francesa aos nazis e uma promessa de que, mais cedo ou mais tarde, a Resistência venceria. Aquele V, desenhado à pressa na pedra rugosa, tinha sido lá posto pela sua própria mão e era o motivo da discussão. Os dedos ainda lembravam o toque seco do quebradiço giz azul que costumava manter na sua mala.

O ato, banal, era tudo o que podia permitir-se, uma vez que Joseph acompanhava cada movimento seu.

Ele apanhara-a a meio, a sua expressão geralmente serena ficara ensombrada pela ira. O conflito começara assim que eles entraram no apartamento, e foi então que ela usou as palavras mais duras contra o seu próprio marido.

A discussão irrompera numa exaltação cega que derivava das frustrações de ambos. Ele repreendera-a por não ser uma esposa Vichy adequada — o tipo de francesa subserviente que era mãe e dona de casa, obedecendo às ordens do marido —, o tipo de mulher que nunca fora. O tipo de mulher que ele nunca esperara que ela fosse. Além disso, Vichy era o regime que colaborava com os nazis, aos quais ela se pretendia opor. A vil sugestão era mais do que ela podia suportar. Num ataque de ira, chamara cobardia à recusa dele em juntar-se à Resistência.

Ele saía de casa nesse momento.

Mas Joseph não era um homem mesquinho. Dos dois, era ela quem tinha um temperamento mais carregado, pois era impulsiva. O que quer que o impedisse de voltar para casa não seria apenas descontentamento.

Todas as tentativas de ver Etienne, o seu amigo mais próximo, haviam sido em vão, uma vez que ninguém atendera no apartamento dele. Ponderara ir à polícia, mas ela sabia que esta trabalhava em estreita colaboração com a Gestapo, homens frios e cruéis e, provavelmente, incapazes de ajudar.

Se Joseph não voltasse até ao amanhecer do dia seguinte, apesar de tudo, o desespero levá-la-ia à polícia, não importando o risco.

Avistou as enormes portas de madeira do seu prédio, empurrou-as e entrou no átrio. Lá dentro tudo estava calmo.

Uma breve paragem na sua caixa de correio revelou que estava vazia e sem quaisquer pistas sobre o paradeiro de Joseph. A sensação de desconforto no estômago intensificou-se ainda mais, enquanto ela tentava relativizar a esperança de que ele estivesse em casa.

Subiu as escadas para o quarto andar e em direção ao estreito apartamento que os pais de Joseph lhe deixaram quando a sua mãe faleceu, vários anos antes da guerra. Embora Hélène e Joseph estivessem em Paris à época, ele mantivera a sua casa de infância pensando usá-la durante as férias. Assim o tinham feito várias vezes. Num verão em particular exploraram as ruas sinuosas durante o dia e ficaram fora até tarde durante a noite, bebendo vinho ao longo do Ródano enquanto o ar quente de julho arrefecia. Para sorte deles, o apartamento pôde tornar-se um local de refúgio quando os alemães invadiram Paris. Com tanta gente em fuga para Lyon naquele tempo, acomodações como aquela seriam, de outra forma, impossíveis de encontrar.

Joseph não queria fugir da Cidade das Luzes quando todos foram avisados para o fazer, pois lamentava ter de abandonar os seus alunos e o seu trabalho. Mas ele havia deixado tudo em Paris por ela, para a manter segura. Isso fora há três anos, quando o casamento era feliz.

Hélène destrancou a porta e empurrou-a, revelando uma entrada escura e vazia.

— Joseph?

Embora não contasse com uma resposta, uma sensação de desespero invadiu-a quando nada se ouviu. Ele tinha-se mesmo ido embora.

Mas para onde? E quando regressaria?

O céu estava a escurecer, à medida que o recolher obrigatório se aproximava. Cada segundo transformava-se num minuto devido à interminável espera pelo regresso a casa de Joseph. Hélène preparava-se



para se deitar cedo, cedendo à exaustão de um coração pesado e de um estômago vazio, quando ouviu uma suave batida na porta.

Certamente, Joseph não bateria. A menos, claro, que não tivesse a sua chave.

Ela correu para a entrada com tanta pressa que as tábuas do piso mal rangeram sob os pés. Mas não era o marido que estava à porta. Uma mulher de cabelo louro, parecido com o dela, olhou cautelosa-mente para Hélène com uns grandes olhos escuros.

O sangue nas veias de Hélène gelou com a chegada de uma estranha. Ela quase bateu com a porta quando a mulher colocou a mão na superfície de madeira brilhante para evitar que se fechasse.

— Pierre. — Ela sussurrou tão baixo que Hélène mal conseguiu distinguir o nome. — Ele está aqui? — continuou a mulher no seu tom quase silencioso. — Por favor, preciso de o ver. — O olhar que lançou para trás tinha algo de paranoico.

Exatamente o tipo de situação na qual uma vizinha como a madame Arnaud repararia.

Hélène acenou à mulher para a impedir de falar mais. Embora Hélène não conhecesse ninguém chamado Pierre, a mulher estava obviamente em perigo.

O que significava que Hélène também estava agora em perigo.

Porém, de alguma forma, ela não podia recusar-se a ajudar a mulher. Não quando Joseph tinha desaparecido tão misteriosamente. Não quando um pressentimento lá bem fundo de Hélène sugeria que tudo aquilo poderia estar relacionado.

A estranha hesitou por momentos, antes de passar a soleira. O seu casaco castanho estava salpicado de gotas dos chuviscos da noite e a bainha do vestido castanho-escuro batia-lhe abaixo dos joelhos. Embora as suas roupas parecessem limpas e em boas condições, os seus sapatos pretos estavam demasiado gastos, sem arranjo possível.

Só quando a porta se fechou com um clique, a estranha voltou a falar.

— Por favor, preciso de ver o Pierre. Eu sei que não deveria ter vindo aqui, mas não tive outra escolha.

Hélène abanou a cabeça.

— Não conheço nenhum Pierre, mas talvez eu possa ajudar. O que aconteceu?

Os olhos da mulher arregalaram-se ainda mais com a confissão de Hélène, e recuou em direção à porta.

— É a polícia? — questionou Hélène em voz baixa. — A Gestapo?

O seu próprio coração acelerou com os riscos que estava a correr. Aquela mulher poderia ser uma colaboradora, como a madame Arnaud do outro lado do corredor, que vigiava toda a gente qual predador de olho bem aberto e que comentava sempre o facto de Hélène não ter filhos. Mas, claro, poucas igualavam a fecundidade da madame Arnaud com os seus oito filhos. Uma esposa Vichy como devia ser, com certeza.

Se a estranha fosse mesmo uma colaboradora, Hélène certamente seria detida por ter perguntado sobre o perigo quanto à Gestapo.

O olhar desesperado da mulher esquadrinhou o apartamento atrás de Hélène, como se procurasse algo urgente.

— Eu preciso de documentos.

Hélène franziu a testa.

— Eu não tenho documentos aqui.

— Um cartão de identidade, um novo. Foi-me dito que o Pierre... — Lágrimas correram dos olhos da mulher e o seu rosto contorceu-se. — Eu escapei do cerco há vários meses na rue Sainte-Catherine e estive escondida desde então, mas todos os lugares para onde vou são descobertos. Preciso de novos documentos. Uns que não digam isto.

Com as mãos a tremer, ela apresentou o seu cartão de identidade, declarando que era Claudine Goldstein, com um carimbo vermelho no topo. *JUIF*. Judia.

Hélène percebeu de imediato a que cerco se referia Claudine. Todas as terças-feiras, judeus acoissados faziam fila para obter comida e assistência médica; a opressão do seu povo a forçá-los praticamente a implorar pela sua sobrevivência. Fora nesse dia, em que a Union Générale des Israélites de France estava autorizada a oferecer-lhes bondade e compaixão, que a Gestapo decidira atacar, prendendo todos

os da organização bem como aqueles que apareciam a pedir ajuda. O coração ardera-lhe por tamanha injustiça, e o fogo reavivara-se agora com uma intensidade incandescente.

As perguntas sucediam-se na mente de Héléne, embora soubesse que a mulher não responderia a nenhuma: Onde esteve escondida? Para onde iria agora?

— Perdoe-me, mas eu não conheço nenhum Pierre — respondeu Héléne, rompendo a pesada e dolorosa sensação que lhe agitava o peito.

O desânimo caiu sobre o rosto de Claudine, suavizando as suas feições com uma apatia resignada.

— Não posso fugir mais. Se eu não tiver documentos serei mandada embora como todos os outros. — Ela pestanejou e uma lágrima desceu silenciosamente pela sua face.

Não estava errada, e o fogo queimando dentro de Héléne reacendeu com nova força.

— Fique com os meus. — Héléne pegou na sua mala e retirou lá do fundo os documentos cuidadosamente dobrados. E cedeu-lhe também as suas senhas de comida e roupa. Afinal, estavam associadas ao seu nome. Sem o documento de identidade tudo o resto era inútil para Héléne. E talvez esse parco sustento e roupas novas pudessem ajudar, de alguma forma, Claudine na sua fuga.

A mulher ficou boquiaberta.

— Os seus? Mas como...

— Nós somos parecidas e temos a mesma altura — disse Héléne, colocando o maço de papéis na mão de Claudine.

Ainda assim, a mulher recusava-se a fechar os dedos em torno dos preciosos papéis.

— O que fará a senhora?

Héléne ignorou a pergunta, não querendo pensar nas consequências.

— Eu não estou em risco como você está.

E Claudine estava mesmo em risco. Demasiados judeus haviam sido colocados em comboios sem nunca mais serem vistos — famílias, crianças inocentes. Era mais do que Héléne podia suportar e a razão pela qual lutara tão vigorosamente contra o marido para se juntar

à Resistência. Agora estava numa posição em que poderia realmente ajudar e não iria descartar a oportunidade.

— Por favor. — Hélène segurou os papéis contra a palma da mão de Claudine até que os dedos da mulher se fecharam relutantemente.

— O recolher obrigatório começará em breve — alertou Hélène. — Fique aqui até de manhã.

Mas Claudine abanou a cabeça.

— Não posso pô-la mais em risco, não depois... — A sua voz falhou, e ela ergueu o cartão de identidade e as senhas de racionamento. — Disto.

Hélène queria contrapor, mas Claudine já se estava a dirigir para a porta, sussurrando um agradecimento numa torrente profusa de gratidão.

No entanto, Hélène não podia aceitar o seu agradecimento. Era o mínimo que qualquer cidadão francês podia fazer pelos judeus perseguidos declarada e maliciosamente pelos nazis. A memória de Lucie surgiu-lhe no pensamento.

A única mulher com quem Hélène estabelecera amizade em Lyon, enquanto esperavam na fila do pão numa tarde chuvosa. Lucie tinha um guarda-chuva e ofereceu-se para o partilhar. Embora o tempo estivesse cinzento e frio, a disposição radiante de Lucie compensava tudo. Assim como Hélène, Lucie também não tinha filhos. Em vez de permitir que as opiniões dos outros a irritassem, como sucedia com Hélène, Lucie ignorava as críticas com uma alegre indiferença.

Ela via sempre o lado luminoso do mundo, não importava quão escuro estivesse.

Fora o seu brilho que ajudara Hélène em muitos dias difíceis quando a fome começara a instalar-se, quando as restrições do recolher obrigatório condicionaram o seu confortável dia a dia e quando não se podia mais sair de casa sem uma carteira cheia de senhas de racionamento e um documento de identidade.

Isto é, até Lucie e o seu marido terem desaparecido durante a noite, e o seu apartamento ter sido saqueado e despojado dos objetos de valor. Não havia nada que Hélène pudesse fazer para ajudar a sua amiga, apesar das inúmeras tentativas para a encontrar.

Foi por volta dessa altura que Joseph se recusou a deixá-la envolver-se em qualquer atividade de Resistência, o que a deixou impotente. A indignação permaneceu consigo, latente.

Pelo menos agora Hélène tinha feito alguma coisa.

Fechou a porta depois de Claudine sair, e mais uma vez foi engolida pelo silêncio do apartamento vazio.

As repercussões da sua decisão fizeram-na acordar às primeiras horas da madrugada, enquanto a cidade de Lyon ainda dormia. O recolher obrigatório havia chegado e passado e Joseph ainda não tinha regressado.

No entanto, agora ela não podia ir à polícia para reportar o seu desaparecimento. Ninguém falaria com ela sem primeiro verem o seu cartão de identidade, e, se declarasse os documentos como perdidos, eles iriam à procura do ladrão. Se Claudine fosse apanhada com os supostos documentos roubados...

Não, ir à polícia não era uma opção.

Uma ida à cozinha confirmou que restava apenas um pedaço de pão, além dos poucos tupinambos que Hélène conseguira encontrar no dia anterior. Com tamanhas limitações, as lojas não bastavam para que as pessoas sobrevivessem.

O seu estômago, privado até de um simples jantar na noite anterior, roncou baixinho com a fome. A comida não iria chegar para o dia todo, muito menos até que ela encontrasse uma solução viável.

Teria de ir mais uma vez à procura de Etienne e ver se, entretanto, ele já estava em casa, pois não havia mais ninguém que ela conhecesse tão bem a quem pudesse pedir ajuda. O seu mundo atual era solitário, nele as pessoas precisavam de ter cuidado com o que diziam, o que faziam e com quem se relacionavam. Era um mundo de inimizades, no qual os ocupantes empunhavam metralhadoras e impunham o medo, enquanto os franceses apenas tinham os seus cestos de compras vazios e o poder das palavras proibidas.

Percebendo que seria melhor esperar até que as ruas estivessem cheias de gente para não levantar suspeitas, Hélène cozeu os

tupinambos e comeu-os com o pedacinho de pão. Assim que o Sol começou a nascer, retirou da prateleira o seu cesto de compras e a sua mala, como faria em qualquer dia normal, e saiu do apartamento. Raramente era mandada parar e lhe pediam os documentos, pelo que provavelmente também não seria incomodada naquele dia. Só precisava de agir com naturalidade.

Porém, agir naturalmente com o coração a bater tão depressa era uma proeza muito difícil. Começou por andar rápido demais, o barulho dos seus sapatos era notório até para os seus próprios ouvidos. Reduziu o ritmo e manteve o olhar em frente, concentrada no seu propósito e com esperança de não ser admoestada.

Ela estava perto do apartamento de Etienne em Croix-Rousse, onde as ruas subiam num declive tão íngreme que teve de abrandar o passo para evitar que a sua respiração ficasse ofegante. Uma fila de cartazes recentes cobria uma parede declarando *Viva de Gaulle!* Longa vida a de Gaulle, o homem que encorajara todos eles a resistir à opressão dos alemães.

Um oficial nazi dobrou a esquina a alguns metros de Hélène. O sol nascente da manhã refletiu-se nas suas botas pretas muito polidas e reluziu numa medalha presa ao peito. O olhar dele tornou-se mais penetrante assim que avistou os cartazes.

Ao som dos saltos das suas botas nas pedras da calçada, ele caminhou até à parede e arrancou um dos papéis. O cartaz ilegal rasgou-se em tiras irregulares, restando apenas a parte de cima, e a mensagem resistiu teimosamente, intacta. Ele puxou novamente o cartaz, conseguindo dessa vez rasgar as palavras de modo que permanecesse apenas uma parte de «le».

Então, virou-se, de maxilares cerrados.

— Você. Pare! — Um homem de cabelos brancos à sua direita cumpriu o que lhe foi ordenado. — Documentos — exigiu o oficial.

O homem remexeu no bolso do casaco, os seus movimentos afetados pela deformação artrítica dos seus dedos enquanto tentava retirar o cartão de identidade.

Hélène podia ser a próxima. Se fosse apanhada sem os seus documentos, teria de admitir que os tinha perdido. Ela virou na esquina seguinte para evitar o oficial irado, de outro modo seria revistada em seguida. O seu coração batia tão depressa que subitamente ela sentiu dificuldade em respirar. Mas forçou-se a continuar a andar, os seus passos procurando coincidir com os dos outros em seu redor.

— Alto! — Uma voz soou atrás dela.

Ela continuou a sua caminhada suave.

— Minha senhora — disse o militar numa voz áspera. — Alto!

Infelizmente, não havia mulheres à sua volta, não deixando dúvida de que era ela a sua vítima. Três homens do outro lado da rua olharam para ela de onde estavam, emudecidos de alívio por não serem o alvo do nazi. Noutra altura eles iriam em seu auxílio, munidos de charme francês e boas intenções.

Hélène voltou-se e enfrentou o oficial. Ele estendeu a mão, com a palma para cima.

— Documentos.

Ela tentou engolir, mas a garganta estava muito seca. A sua mala parecia estranhamente leve pendurada ao ombro, o peso tangível dos documentos que havia doado estava dolorosamente em falta.

— Com certeza. — Disse-o de modo casual enquanto remexia na mala. O suor ardia-lhe na palma das mãos, apesar do dia húmido e frio.

O oficial dobrou a mão.

— Agora.

— *Pardon.* — Ela continuou a vasculhar objetos inexistentes no fundo da sua mala vazia. — Não consigo encontrá-los.

Muitos dos alemães que desfilavam por Lyon não falavam bem francês. Ela esperava agora que fosse esse o caso. A incapacidade de comunicarem poderia ser a sua salvação.

O cinza dos olhos do oficial parecia metal gélido.

— Não os tem? — perguntou ele num francês perfeito.

Ela ficou sem chão.

— Eu pensei que os tinha. — Encolheu delicadamente os ombros e tentou um sorriso bonito.

A expressão dele não se atenuou.

— Não tem os seus documentos consigo?

Em vez de reconhecer que não os tinha, voltou mais uma vez a sua atenção para a mala e começou a procurar. Ele lançou a mão e agarrou o braço dela num aperto de aço que lhe molestava a pele.

Ela gritou, surpreendida. O olhar dirigiu-se aos três homens do outro lado da rua a tempo de os ver fugir sem deixar testemunhas.

Cobardes.

— Se não tem os seus documentos, está presa — disse o alemão no seu francês imaculado.

— Elaine! — chamou uma voz.

Hélène e o oficial olharam para o homem sem fôlego correndo na direção deles, segurando um cartão de identidade bem alto.

*Etienne.*

— Elaine — repreendeu ele. — Deixaste isto em casa outra vez. — Ao nazi ele oferecia um sorriso rasgado e apologético. — As mulheres preocupam-se mais com a sua aparência ao sair de casa do que com os documentos necessários.

O oficial nazi lançou-lhe um olhar irritado e estendeu a mão em direção aos papéis que Etienne lhe entregava.

Hélène encolheu-se, esperando a reação do oficial quando percebesse que não era o cartão de identidade dela que lhe havia sido mostrado. O nazi abriu com uma mão o documento, revelando um cartão de identidade de uma mulher chamada Elaine Rousseau, mas cuja foto era mesmo de Hélène.

Ela esforçou-se para manter uma expressão impassível.

Como é que Etienne tinha uma coisa daquelas na sua posse?

De repente, o oficial soltou-a, dobrou o documento de identidade com um estalido sonoro e empurrou-a para junto de Etienne.

— Cuide melhor da sua esposa desorientada. Quase foi presa pela sua insensatez.

— *Oui, monsieur.* — Etienne aceitou os papéis com um aceno de cabeça e colocou o braço em torno de Hélène. Ela soltou lentamente a respiração antes suspensa, grata pela bravura de Etienne. O abraço



dele deu-lhe estabilidade enquanto os joelhos pareciam vacilar por ter estado tão perto de ser presa, e por eles poderem perceber que os seus documentos haviam desaparecido. Por eles poderem ir atrás de Claudine.

O oficial deu meia-volta e marchou em direção à esquina de onde viera, gritando ordens para alguém arrancar da parede os restantes cartazes da Resistência.

Etienne cuspiu no chão que o nazi pisara e voltou-se para Hélène.  
— Ele magoou-te?

A zona do seu braço onde o homem a havia apertado sem piedade ainda lhe doía, mas ela não tinha sido presa. Claudine não seria descoberta. Apenas isso importava.

— Estou bem — respondeu ela, abanando a cabeça.

— Onde estão os teus documentos?

— Onde conseguiste isso? — Ela apontou para o pequeno maço entre os dedos dele.

— Não podemos conversar aqui. — Ele levou-a até ao seu apartamento no quinto andar, mais pequeno do que o dela.

Não era costume um homem solteiro receber visitas, portanto ela nunca havia entrado em sua casa. Hélène estava agora em pé, algo envergonhada, no meio da sala enquanto observava o espaço escassamente mobilado. A sala comum acolhia um sofá verde puído ao centro e também uma mesa de cozinha redonda ao lado de um forno estreito. Havia uma outra porta à direita, que provavelmente daria para o quarto. Não havia cortinas nas janelas nem qualquer decoração nas paredes manchadas. As persianas estavam praticamente fechadas, deixando o espaço na penumbra.

Pairava um odor persistente a cigarros e a chicória no ar estagnado.

Etienne abriu uma das persianas, os estalidos subtis tão audíveis como disparos enquanto ele deixava entrar um fluxo de luz cortando a escuridão.

— Senta-te aqui.

Num único movimento, passou o braço por cima da mesa limpando migalhas e um jornal aberto que caiu no chão. Ela resistiu ao impulso

de apanhar o jornal e dobrá-lo cuidadosamente antes de o pôr de lado. Em vez disso, desabou no duro assento de madeira, agradecida pela sua robustez, enquanto recuperava do pavor do que poderia ter acontecido se Etienne não tivesse chegado naquele momento.

Teria sido presa. Claudine também. E Joseph...?

— Sabes onde está o meu marido? — perguntou ela, apertando as mãos para acalmar o tremor.

Etienne dirigiu-se ao fogão e serviu duas chávenas de um líquido castanho-claro fumegante feito a partir de cevada torrada e chicória. Embora a bebida não tivesse os efeitos fortificantes de uma chávena de café, seria bem recebida pela sua garganta seca. Ele entregou-lhe uma chávena, que ela envolveu com os seus dedos gelados.

— Onde estão os teus documentos? — Ele estendeu uma caixa de pastilhas de sacarina, naqueles dias o substituto possível para o açúcar.

Hélène recusou.

Encolhendo os ombros, ele deixou cair uma das pastilhas na sua chávena, produzindo um som demasiado alto no silêncio que se instalara entre eles. Com um ar indiferente, recostou-se na cadeira, de sobrancelhas erguidas na expectativa de uma resposta.

Ela soprou um fiapo de vapor ascendendo do seu café e bebeu um golo com cuidado, sem saber como responder.

Etienne e Joseph eram como irmãos, sendo Etienne dois anos mais jovem; havia mentido sobre a sua idade para ser aceite no exército durante a Grande Guerra. E, no entanto, ela não podia deixar de se perguntar se ele seria realmente confiável.

Enfiando a mão no bolso do casaco, ele retirou o cartão de identidade e abriu-o sobre a mesa, revelando a foto dela e o nome Elaine Rousseau.

— Ambos temos segredos. — O seu dedo indicador esticado pôs-se no documento e fê-lo deslizar na direção dela.

— Eu dei o meu documento de identidade. — Ela endireitou-se e fitou-o diretamente. — A uma mulher que precisava dele mais do que eu.

— Claudine — presumiu ele e franziu os lábios, como se desejasse poder voltar atrás e não ter dito aquele nome.

Hélène bebeu um gole de chicória para disfarçar a surpresa.

— É tua amiga?

— É uma mulher em dificuldades. Isso é tudo o que deves saber. — Tirou um cigarro enrolado de uma caixa e acendeu-o. O odor a ervas queimadas preencheu o espaço entre eles, o fumo acre ardia nos olhos e no nariz dela.

Aquele cheiro forte era algo a que deveria estar habituada, pois os franceses viram-se obrigados a fumar qualquer coisa que pudessem secar e embrulhar num pedaço de papel, desde que o tabaco se tornara tão escasso.

— Quem é o Pierre? — O rosto de Etienne permaneceu inexpressivo, mas Hélène não se deixou enganar. — Quem é ele? — Ela pousou a chávena, mas não largou as mãos daquele calor bem-vindo. — Quero saber o que é que está a acontecer. Quero saber quem é o Pierre e o que tem ele que ver com o desaparecimento do meu marido. Quero saber onde está o Joseph. — A sua voz tremeu ao não conseguir reprimir o crescendo das suas emoções.

O melhor amigo do marido olhou para a mesa, mudo, enquanto o pé direito começou a bater num movimento ansioso, o pestilento cigarro a arder em cinzas quebradiças por entre os seus dedos.

— Não vais poder voltar a ser Hélène — disse ele, por fim.

— Eu sei — respondeu ela num tom calculado que pouco ajudou a disfarçar a sua irritação. — Onde arranjaste isto? — Ela pegou nos documentos falsos. — Foi o Pierre?

As preciosas páginas tremeram na sua mão.

As sobranceiras escuras de Etienne franziram.

— Terás de sair de casa se o teu nome não corresponde à localização — tergiversou.

A sua perna continuava a mexer-se e a bebida na chávena agitava-se com o movimento.

Ela largou os papéis e o seu café, para colocar a mão sobre a chávena à frente dele que só assim deixou de fazer barulho.

— O que é que está a acontecer? Onde está o meu marido? — O olhar dela cravou-se nos olhos dele, raiados de sangue, e notou uma

contusão sob a sombra do maxilar por barbear. Havia também um pequeno corte por cima de uma das sobrancelhas. — Etienne.

A perna dele parou de mexer.

— O Joseph foi preso. — Etienne engoliu em seco. — Por razões políticas.

— Razões políticas? — O mundo girou em redor dela. O Joseph tinha sido preso. E ela já não tinha o documento de identidade para ir à polícia e tentar de tudo para exigir a libertação dele. — Ele está... — Ela mal conseguia pronunciar as palavras. Soavam-lhe muito hipócritas depois de todos aqueles meses de discussão. Depois de tudo o que ele lhe exigia e de tudo o que a proibira de fazer.

Depois de lhe ter chamado covarde por virar costas ao seu país.

— Ele faz parte da Resistência? — acabou por perguntar. — Ele é o Pierre?

Etienne deu um trago no cigarro. A ponta brilhou avermelhada e quando ele soltou uma baforada de fumo acre, o seu aceno foi quase impercetível.

Naquele momento, o mundo de Hélène rodou sobre o seu próprio eixo. Todas as vezes que Joseph alegara que a Resistência não fazia nada, todas as formas de ele a restringir. E *ele* estava a colaborar com o movimento durante todo aquele tempo. A sensação de lágrimas iminentes fez-lhe arder os olhos, mas ela apertou as mãos até que a mesma passasse.

Lidar com as suas emoções ficaria para mais tarde. Agora queria fazer perguntas.

O olhar dela recaiu sobre o cartão de identidade enquanto observava a foto. O vestido era escuro, o tom, inidentificável pela impressão a preto-e-branco. Mas ela reconheceu as bordas recortadas do decote em V, tão popular na época. O vestido era de um verde profundo e luxuoso, e estava ainda pendurado no seu roupeiro em casa. Da última vez que ela o usara, Joseph dissera-lhe que estava linda e insistira em fotografá-la.

Era uma tolice posar para uma fotografia ali, no seu apartamento, com a parede branca em fundo, razão pela qual os seus lábios estavam

timidamente levantados nos cantos, num sorriso inseguro. Agora ela entendia. Joseph não tinha tirado a fotografia como lembrança; ele fê-lo para criar um cartão de identidade falso. Ela só precisava que Etienne confirmasse as suas suspeitas.

Pegando no documento, segurou-o em frente a ele.

— Foi o Joseph que fez isto?

— Para a eventualidade de acontecer alguma coisa — suspirou Etienne, rendendo-se. — Para te proteger. Eu não to consegui entregar por causa do boche.

O olhar dela deteve-se no maxilar ferido de Etienne. No corte na sua testa. Ele tinha sido espancado. Eles faziam o mesmo com Joseph.

A dor apertou-lhe o peito pelo seu marido, cujos anos como soldado pronto para a batalha haviam terminado muito antes de se conhecerem.

Ele havia sido ferido por estilhaços em Verdun. Tinha falado sobre isso com ela apenas uma vez, sobre como a bomba havia matado todos os homens em seu redor, à exceção dele e de Etienne. Joseph fora atingido na perna. Ainda eram visíveis os sinais do traumatismo, onde a pele se comprimia junto ao joelho e na barriga da perna, deixando-o a coxear ligeiramente.

Etienne saíra ileso daquela batalha, mas ele sempre tivera sorte. Até mesmo agora, ele estava sentado diante dela enquanto Joseph permanecia preso.

— Porque te soltaram a ti, mas não a ele? — questionou ela.

Uma expressão cansada aprofundou-lhe as rugas na testa e o olhar dele desviou-se, desanimado, para o vazio.

— Tenho sorte. — O seu tom era neutro, enquanto apagava o cigarro.

— Quando é que ele será libertado?

Etienne abanou a cabeça à medida que a sua atenção se voltava para ela.

— Nós não acreditamos que ele fique detido durante muito mais tempo.

— Nós — repetiu ela. — A Resistência.

Ele assentiu.

Havia uma confiança nas palavras dele, o que aliviou alguma da tensão que ela acumulara nos ombros. Havia pessoas que se preocupavam com Joseph. E talvez ela pudesse ajudar.

— Quero juntar-me à Resistência — afirmou ela.

— Não.

Hélène olhou fixamente para Etienne recusando-se a desistir, cansada de ouvir sempre o «não» de Joseph. Todos aqueles meses de tanta vontade em se lançar na luta contra os ocupantes e todos aqueles meses com ele a proclamar a inutilidade da Resistência. Em vez disso, ele insistira para que ela ficasse em casa, esperasse em filas intermináveis e realizasse proezas impossíveis na cozinha com as vis porções racionadas de comida.

A impossibilidade de fazer a sua parte contra os nazis parecia-lhe agora uma traição. Como se não fosse boa o suficiente para se juntar aos homens e mulheres na sua luta corajosa.

Agora não lhe diriam que não. Não quando os seus esforços podiam ajudar Joseph a ser libertado mais cedo.

— Não posso voltar a usar o meu próprio nome. Também disseste que não posso ficar na minha casa.

Os olhos escuros de Etienne semicerraram-se.

— Quero fazer parte da Resistência — insistiu. — Quero ajudar o Joseph.

Um músculo mexeu-se no maxilar dele.

— O Joseph não te quer envolvida nisto.

— Eu estou perfeitamente ciente disso — replicou ela, com os dentes cerrados.

— É um trabalho perigoso. — Etienne levantou-se apressadamente, embatendo em Hélène. Sem olhar para ela, virou-se para o lava-louça e passou a sua chávena por água.

— Eu não me importo. Farei qualquer coisa para acabar com esta ocupação, para libertar os nossos soldados e o meu próprio marido. Para acabar com a degradação do nosso país e o tratamento repugnante dado aos judeus.

Um sorriso inesperado surgiu no rosto dele.

— O Joseph alertou-me que dirias isso. — Apesar disso, ele abanou a cabeça. — Ele nunca me vai perdoar.

— Também não quero saber disso.

Aí, Etienne deu uma gargalhada matreira.

— O meu amigo estava certo em todos os seus medos acerca de ti, madame. Que sorte a tua eu sempre ter sido alguém que procura o perdão e não a permissão.

Ela ficou boquiaberta.

— Queres dizer que...?

Etienne estendeu a mão e apertou os seus dedos longos e quentes nos dela.

— Elaine Rousseau, bem-vinda à Resistência.

Um romance envolvente inspirado  
na história verdadeira de espões  
bibliotecários a operar em Lisboa durante  
a Segunda Guerra Mundial.

Ava sempre achou que o seu emprego na Biblioteca do Congresso, em Washington, D. C., lhe traria uma existência pacata e rotineira. Mas uma inesperada proposta do exército norte-americano leva-a até Lisboa com uma missão: fazer-se passar por bibliotecária enquanto trabalha como espia, recolhendo informações secretas para os Estados Unidos.

Enquanto isso, na França ocupada, Elaine começa a sua aprendizagem numa tipografia dirigida por membros da Resistência. Era um trabalho geralmente reservado aos homens, mas em tempo de guerra essas regras foram esquecidas. No entanto, ela sabe que os nazis estão atrás da imprensa e das suas gráficas para silenciá-los.

À medida que a batalha na Europa se agrava, Ava e Elaine, separadas por milhares de quilómetros, começam a comunicar através de mensagens codificadas, publicadas em jornais, e descobrem a esperança em tempos de guerra.

«Uma leitura verdadeiramente cativante.»

BOOKPAGE

Leia  
também:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Romance Histórico

penguinlivros.pt

topseller.editora

ISBN 9789896238735



9 789896 238735 >